

## **Nova determinação do objecto, Nuno Júdice**

Quando penso na forma de analisar um poema, partindo de todos os modelos que me são fornecidos para esse efeito, já sei que nunca chegarei ao centro da questão. Também não sei qual é o centro da questão, e são muitas as dúvidas que ficam durante o processo de leitura. Por exemplo, se eu estiver em frente de um mar encapelado, com a água fria e um céu cinzento de outono avançado, já sei que nunca chegarei ao cimo da onda, e que muito menos entrarei na primeira rebentação, cuja espuma me chega aos pés. O poema pode ser como esse mar, e as dificuldades que ele oferece a quem o quiser interpretar não são muito diferentes. Posso ver o ritmo das suas ondas, ouvir o murmúrio que fica por baixo das vogais e das consoantes, entender porque é que a superfície tem essa cor branca que esconde um arco-íris no seu interior, mas terei de ficar por aí se não quiser ser sugado pelo seu vórtice de imagens e, talvez, mergulhar para sempre no seu abismo. Perguntar-me-ão: e para que é que queres, então, analisar um poema? A resposta é simples: porque é que há tanta gente que, sabendo que se pode afogar caso não saiba evitar a força das ondas, ou resistir às correntes, se lança para dentro do mar? Por isso, depois de passar essa primeira rebentação de palavras e de versos, também eu procuro seguir o movimento das ondas e navegar contra a corrente das estrofes. E algures nesse breve oceano chegarei ao ponto em que a água é transparente, e terei por instantes a ilusão de ver a areia do fundo, e o sentido último do poema.